

**QUANDO O CINEMA FAZ PENSAR SOBRE O AMBIENTE: NOTAS
SOBRE UMA OFICINA COM CRIANÇAS**

**WHEN CINEMA MAKES US TO THINK ABOUT THE ENVIRONMENT:
NOTES ABOUT A WORKSHOP WITH CHILDREN**

Ana Paula Tridapalli de Almeida (ana.bioufsc@gmail.com)

Julia Schadeck Locatelli (julia_slocatelli@hotmail.com)

Renata Turbay Freiria (turbayr@yahoo.com.br)

Leandro Belinaso Guimarães (lebelinaso@uol.com.br)

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Resumo: Este artigo apresenta o processo de construção de uma oficina intitulada “Olhares sobre o lixo”. Ela é fruto de um projeto de iniciação científica do Grupo TECENDO - Educação Ambiental e Estudos Culturais, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e se dirigiu a alunos de duas escolas do norte da Ilha de Florianópolis, uma municipal e outra privada. A partir da seleção de algumas cenas do filme-documentário “Estamira”, a oficina propiciou a criação de um curta-metragem pelos alunos participantes. Durante o processo, pretendeu-se promover momentos de experiência, que levassem a reflexões sobre os resíduos sólidos, que pudessem (re)pensar e (re)significar uma questão tão frequentemente abordada em educação ambiental. Buscamos também envolver os alunos em um processo inventivo de criação, que fosse educativo e prazeroso, ao mesmo tempo.

Palavras chave: educação ambiental, oficina pedagógica, audio-visual, experiência.

Abstract: This article reports somewhat construction workshop that we denominate: "Olhares sobre o lixo" (Perspectives about the garbage). The workshop came from a undergraduate research project, carried out within the scope of the TECENDO Group - Environmental Education and Cultural Studies, of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and it was implemented in two schools from northern Florianópolis Island, SC, one public and another one private. From the selection of some scenes from “Estamira” documentary, the workshop led to the creation of a short film by the student participants. During the process, we intended to promote moments of experience that would lead to reflections about the waste, that could think and define this subject so often addressed in environmental education. We also try to engage the students in an inventive creation process, which we intended to be educational and enjoyable at the same time.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Keywords: environmental education, pedagogical workshop, audiovisual, experience

Estamira nos coloca poeira nos olhos. Nos sujamos com nossa própria ideia de progresso e, quando vemos aquele burburinho de seres humanos disputando o lixo, junto com os urubús, nos perguntamos, novamente, sobre de que progresso estamos falando. (SOUSA, 2007).

1 Introdução

Este trabalho aborda o processo de produção e vivência da Oficina “Olhares sobre o lixo”, realizada com alunos de Ensino Fundamental de duas escolas da cidade de Florianópolis, SC. Tal oficina, por sua vez, é fruto do projeto de pesquisa “O dispositivo da sustentabilidade em imagens: desafios à educação”, construído pelo Grupo TECENDO - Educação Ambiental e Estudos Culturais, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A proposta inicial trazia o desejo de oportunizar aos sujeitos participantes da oficina um envolvimento com os artefatos cinematográficos. Estes comumente adentram a escola como “ilustração” de conteúdos de ensino ou, então, como atividades de lazer. Queríamos experimentar outros modos de focar o cinema em um projeto de educação ambiental direcionado à escola. E mais, não queríamos somente “analisar” com crianças alguns filmes que falassem sobre o meio ambiente, mas ousar um pouco mais. Desejávamos uma prática pedagógica que trouxesse a tona discussões e ideias para um esboço de criação, que ao final, os próprios alunos produziram também um curta-metragem que trouxesse suas (re)significações sobre uma temática ambiental.

Durante o processo de organização e desenvolvimento da oficina, buscamos fugir da noção de Educação Ambiental intensamente reproduzida hoje em nossos espaços sociais que, como afirma Preve (2010), se propõe a espalhar slogans e modismos ‘ecologicamente corretos’, nos impedindo de pensar e (re)construir nossas próprias percepções, pela imposição de informações e atuações que devemos cumprir. Essa fuga resultou em considerar como Educação Ambiental as práticas pedagógicas em contínua construção, produção e movimento, através das quais o sujeito tece entendimentos sobre o ambiente, indo ao (re)encontro das suas próprias percepções que estão, também, em constante (re)construção.

Essa educação ambiental, que estimula o pensamento crítico e a produção de subjetividades, em um processo dinâmico de construção, é descrita por Reigota conforme podemos ler abaixo:

a educação ambiental, em particular nesses tempos pós-modernos, não tem a pretensão de dar respostas prontas, acabadas e definitivas, mas sim instigar questionamentos sobre nossas relações com a natureza e com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com nosso eventual porvir (Reigota, 2002, p. 140).

Por outro lado, na prática educativa que, em si faz-se também ambiental, o uso de audiovisual e do cinema como ferramenta pedagógica abre uma janela de possibilidades de comunicação com o outro (o filme) e consigo, em que o sujeito,

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

significando a vivência de assistir ao mesmo, pode resignificar também seus sentimentos e percepções naqueles momentos experimentados. Preve (2010) nos diz que o cinema nos oferece uma linguagem viva, onde o filme acontece no “entre” e é por nós definido pelo que, em nós, ele mobiliza durante sua exibição.

2 A oficina se construindo...

A oficina surgiu a partir do questionamento de como seria possível gerar nas crianças um momento singular e lento que propiciasse experiências efetivas e afetivas nesses nossos tempos multimidiáticos de aceleração do cotidiano, como argumentado por Denilson Lopes:

acelerar, ir mais rápido, ser mais veloz (...) ou estabelecer pausas, silêncio e recolhimento? Nesse silêncio, o envolvimento com o outro e com si mesmo, seus pensamentos, vontades e criações. Ir além do que é imposto, dos clichês ambientais e sociais, da distância com o outro e com o ambiente (LOPES, 2007, 39).

No âmbito da educação ambiental, não informativa e normativa, buscamos ampliar as visões com relação ao tema tão usualmente utilizado no processo educativo e na mídia: a geração de resíduos, o lixo. Lançou-se, então, um desafio: seria possível, depois do bombardeamento de slogans, ainda utilizar o tema como disparador de pensamentos que vão além? Promover um espaço de fuga dos paradigmas vigentes? Seria possível permitir aos sujeitos envolvidos apropriações pessoais e originais desse tema?

O processo para a realização da oficina foi, inicialmente, convidar alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal e de outra privada, ambas localizadas no norte da Ilha de Santa Catarina. A oficina em si foi, para nós, um exercício de se guiar por um espaço sem caminho delimitado. As escolhas que fomos fazendo e os passos que seguimos iam sendo construídos juntamente com a ação de caminhar e a todo tempo nos modificamos e elegemos novas escolhas para construir o projeto.

Sendo assim, diante do não preenchimento de todas as vagas ofertadas para a oficina (inicialmente 15), optamos pela primeira modificação: abrimos o espaço para outros interessados, que fossem também de outras séries, das referidas escolas. Essa abertura nos possibilitou um enriquecimento inesperado nas ideias que surgiram ao longo da oficina e, principalmente, em nossos olhares sobre o grupo. A partir daí, além das alunas de 8º e 9º ano, contávamos também com alunos de 6º e 7º ano.

Essa diversidade de idades, vivências e realidades sociais observada nesse novo grupo que estava sendo formado foi bastante enriquecedora para o projeto. Os diferentes comportamentos, formas de se expressar e lidar com as situações que eram colocadas; e a forma com que os alunos se relacionavam uns com os outros trouxe muitos questionamentos e proporcionou novas experiências.

O autor Jorge Larrosa, apresenta significações interessantes para a noção de “experiência”. Segundo ele, a experiência é algo que se passa conosco, que nos acontece, nos toca. Para que exista a experiência, é preciso:

(...) parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; suspender a opinião, suspender o juízo, suspender o

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

automatismo da ação; cultivar a atenção e a delicadeza, falar sobre o que nos acontece, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro (LARROSA, 2002, p.24).

Como ressalta o autor, uma das ferramentas promotoras da experiência é o “encontro”. Encontrar pessoas, diferentes pessoas, falar sobre nossos sentimentos, mas também escutar aos outros, tudo isto contribuiu para as construções subjetivas de experiências.

A oficina buscou ser um momento de encontros e (re)encontros consigo e com os colegas. Alguns que já se conheciam tiveram a oportunidade de conviver dentro de uma nova atmosfera, com diferentes interesses e objetivos e em diversos momentos se (re)conhecerem e se (re)descobrirem com novas idéias, posicionamentos e vontades. Outros se conheceram no decorrer dos encontros, durante as conversas, trabalhos e brincadeiras. Há, porém, os que não se mostraram e não se deixaram envolver com os demais, fazendo quase que um esforço proposital de se afastar quando pareciam estar se envolvendo mais.

As atividades do projeto ocuparam o período da tarde, o contra-turno dos alunos, uma vez na semana e com duração de, aproximadamente, três horas. Sempre, no início de cada encontro, fazíamos dinâmicas de integração e descontração, tentando despertá-los para uma nova atividade e aproximá-los uns dos outros, pois pareciam, muitas vezes, distanciados entre si.

No primeiro encontro foram exibidos os vinte primeiros minutos do filme “Estamira”, em que aparecem as questões dos restos, do apreço que Estamira sente pelo local onde trabalha e da inocência que Estamira tanto fala. Logo depois, foi proposto um momento para a criação de histórias a partir do que o trecho do filme lhes fez pensar, lembrar e sentir. A expectativa central desta atividade consistia em observar que leituras esses alunos fariam do filme “Estamira” e que sensações eles externalizavam enquanto o assistiam.

O segundo encontro foi programado para a produção do roteiro, a partir dos textos que os participantes haviam pensado e produzido no encontro anterior. Conversamos sobre os caminhos possíveis e imagináveis para a história, sobre o que gostaríamos de contar ou dizer. Também foram apresentadas algumas técnicas de produção de audiovisual que poderiam ser utilizadas. Solicitamos que os alunos escolhessem aquela com que mais se identificassem, deixando em aberto a possibilidade de utilizarem mais de uma e de fazerem, também, mais de um vídeo. A decisão foi de produzir um único vídeo por todo o grupo, com a técnica de *stopmotion*. Esta consiste em utilizar várias fotos que, quando colocadas em alta velocidade, dão a impressão de movimento.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

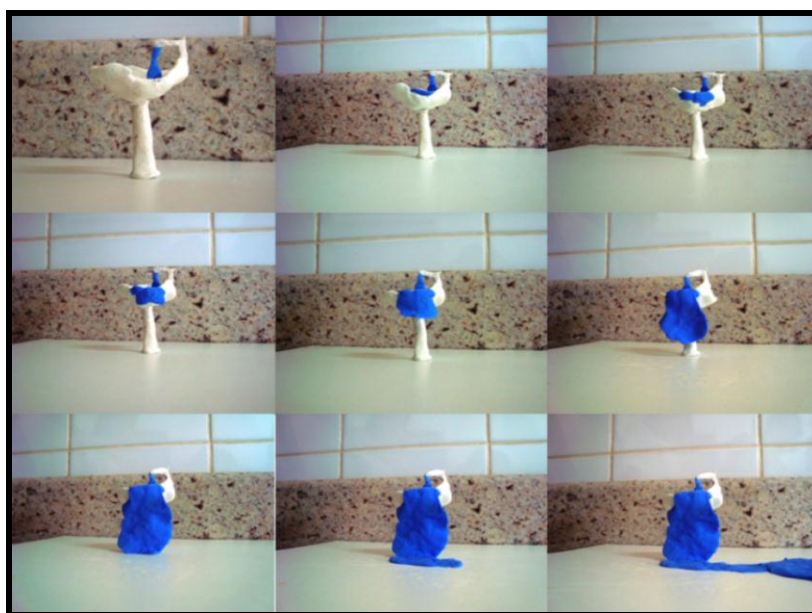


Figura 1 – Fotografias tiradas para a produção do curta-metragem

A partir do terceiro encontro, iniciamos o processo de produção do curta-metragem, com a utilização de materiais como massa de modelar, papéis, tecidos, tintas e canetinhas, os participantes produziram personagens e cenários. Nesse mesmo dia começamos as fotofilmagens. Optou-se pela produção de várias sequências curtas, sendo cada uma um conto diferente que seriam unidos em um único filme. Nesse momento, cada aluno teve a oportunidade de criar sua própria história e trabalhá-la com os colegas, sendo que algumas histórias foram já pensadas coletivamente.



Figura 2 – Outras fotografias tiradas para a produção do curta-metragem

A produção dos filmes se estendeu até o quinto encontro e foi permeada por algumas atividades como dinâmicas, conversas e brincadeiras. Nesse encontro,

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

propusemos que os alunos fizessem uma crítica à oficina e a sua postura perante as atividades. A partir da palavra “descarte” escolhida pelos próprios participantes, propomos uma discussão sobre o que é jogado fora por nós e o que é, ou poderia ser, utilizado pelos outros. Aqui também levantamos o questionamento do descarte abstrato, aquele que não se trata somente dos materiais, mas ainda de sentimentos, pessoas, momentos, etc. Para isso fixamos duas cartolinas na parede e pedimos para que eles representassem o que achavam que haviam descartado ou desperdiçado durante a oficina e os encontros que tivemos (em uma cartolina), e o que descartavam em seus cotidianos, em suas vidas (na outra cartolina).

Em Estamira, as imagens denunciam nossos descartes/ desperdícios. Além da grande quantidade de lixo mostrado no aterro de Jardim Gramacho, as próprias pessoas e os corpos que aparecem no documentário, como sendo marginalizados, são também, de certa maneira, descartados do convívio da sociedade “civilizada”, dos hábitos dessa tal sociedade, dos padrões, dos desejos e mesmo dos direitos atribuídos a ela.

No sexto e último encontro, assistimos ao audiovisual produzido pelos alunos, discutimos e avaliamos a oficina e finalizamos os encontros, com um vazio da dúvida quanto a experiência desejada/ vivenciada.

3 O que podemos apreender...

Depois de tudo que colocamos nesse artigo, ainda nos questionamos quanto à experiência que esses alunos tiveram. Será que, como Larrosa conceitua experiência, algo lhes aconteceu, lhes tocou? Será que as modificações foram só inquietações instantâneas dos momentos em que vivenciavam durante os encontros? Ou será que a experiência foi algo sentido somente por nós, monitoras, que, de certa forma, esperávamos desde o início experienciar isso?

Por isso, acreditamos na relevância do retorno dos alunos com relação à oficina. No último dia, solicitamos a eles que opinassem sobre as atividades planejadas assim como sobre a atuação das monitoras. Criamos um espaço de liberdade para que colocassem no papel e externalizassem tudo que havia ocorrido a eles durante a oficina, o que não haviam gostado, o que poderia ter sido diferente, a maneira como as monitoras lidaram com as situações, etc. Nesse momento muitos se perguntaram exatamente o que fariam, parecendo não entender o porquê do pedido.

Ao lermos suas críticas, com certa inquietação e até mesmo uma frustração (porque não?), nos deparamos com uma repetição de elogios e de adorações. Alguns colocaram que aprenderam muito sobre o lixo, quando na oficina em nenhum momento foram dadas informações ou repassados conhecimentos sobre o mesmo. O que nos pareceu é que eles tentavam reproduzir o que achavam que queríamos que pensassem, como se querendo que isso os beneficiasse ou, ao menos, não os prejudicasse em momento algum.

Além do processo de avaliação da oficina, que não nos permitiu ter uma visão concreta do que os alunos pensaram e sentiram, ao longo de toda a oficina (sua construção, invenção e criação do roteiro e do curta-metragem) acabamos interferindo, muitas vezes de forma automática, com sugestões e norteados. Não porque almejávamos isso ou porque achávamos que éramos primordiais no

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

processo criativo, mas porque sentíamos muitas vezes que os alunos esperavam nossos posicionamentos para que estabelecessem os seus. Em alguns momentos, quando sozinhos, não se envolviam tanto no processo, talvez por timidez, talvez por receio ou talvez por estarem acostumados a assim proceder dentro do ambiente escolar, com a manutenção das posições rígidas que, supostamente, devem ocupar professores e alunos.

A autora Áurea Guimarães (1985), fazendo referência a ideia de “poder disciplinar” de Foucault (1977), fala sobre essa hierarquização tão presente no ambiente escolar e como isso inibe a construção de pensamentos críticos e de linhas de fuga, por parte dos alunos. Segundo ela, esse “trabalho de controle minucioso, detalhado, sobre o corpo e a vida dos indivíduos, manipulando seus gestos, seus comportamentos, seu tempo, suas atividades” (GUIMARÃES, 1985, P.25) produz uma uniformidade de comportamentos, de forma que os alunos que saem desses “condicionamentos” são reprimidos.

Percebemos, com a oficina, como os alunos estavam condicionados a repetirem determinadas ideias, sem, muitas vezes, questionarem-se sobre o que estavam dizendo. Pior que isso foram os momentos em que, ao serem perguntados sobre o que queriam dizer, muitas vezes não sabiam responder ou tinham receio de fazê-lo e serem repreendidos ou corrigidos, como se existissem verdades e formas determinadas para aquilo que deveriam pensar ou como deveriam pensar.

Nos indagamos se esses condicionamentos não poderiam ser decorrentes de estarmos em um ambiente escolar, envolvidos diretamente com a Escola e na Escola, no espaço delimitado e caracterizado por ela. Nesse ambiente, os alunos estão acostumados, em geral, a serem direcionados e vigiados para que realizem as atividades solicitadas, tal como se pretende que o façam. Quando eles se deparam com situações nas quais não há regras, nem solicitações específicas, eles ficam sem um norte, não sabem como lidar com tal situação.

Uma nota que cabe aqui ser feita é sobre o espaço físico que utilizamos na maioria dos encontros. A área, localizada dentro de uma das escolas, era um pouco afastada das salas de aula e pátios comuns, se estendendo ao fundo do terreno, bem depois de uma quadra poliesportiva. Foi criada para ser um espaço de educação ambiental, abrigava um mini-zoológico, com cabras, pôneis, coelhos e vacas, mantidos com o intuito de aproximar crianças e animais, embora, segundo os próprios alunos, seja um espaço pouco frequentado na rotina da escola. Apesar de fugir da caracterização de um ambiente escolar, esse espaço era significado pelos alunos também como escola e a interação sujeito-natureza que ele propunha parecia, muitas vezes, ser algo restrito àquele lugar, durante os breves momentos em que ali se encontravam.

Mesmo com o aparente condicionamento que percebemos, em alguns momentos, também observamos fugas. Foi possível notar que a liberdade de criar e de pensar era utilizada por alguns alunos até como válvula de escape, como desabafo, alívio de poder exprimir aquilo que, em outras situações, estavam-lhes reprimindo e sufocando. Alunos esses que pareciam ter uma imagem própria e íntima da temática pela proximidade com que a vivenciavam cotidianamente.

4 Algumas notas finais...

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Por mais que exista o viés da pesquisa, as relações travadas na oficina, a troca entre estudantes de escola pública e privada, que gravitam em realidades e desafios díspares, foi no mínimo geradora de novos pensamentos. A distinção social, à qual não nos atemos em adentrar neste artigo, adicionou ao processo da oficina um outro ponto a ser pensado, nas distinções culturais que habitam o mesmo espaço.

Apesar de nos afligir o fato de os alunos terem construído experiências, ou não, a partir da oficina, o que podemos constatar é o quanto ela modificou a nós mesmas, deixando, não só saudades dos encontros vividos, como um contínuo questionamento dos “porquês” e dos “comos” isso foi gerado em nós.

5 Referências

GUIMARÃES, A. M. **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas: Papirus, 1985.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Autores Associados. (Orgs). **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, 2002. n.19, p. 20-28.

LOPES, D. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

PREVE, A. M. H. Onde sonham as formigas verdes: sonho, silêncio, vazio. In: GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A. G.; BARCELOS, V. (Orgs.). **Tecendo Educação Ambiental na arena cultural**. Petrópolis: DP e Alí, 2010. p. 63-74.

REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola: Por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUSA, E. L. A. **Função: Estamira**. Estud. Psicanal., Belo Horizonte, n.30, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372007000100007&script=sci_arttext&lng=en> Acesso: em 15 jun. 2011